

Educomunicação socioambiental no quilombo Mata Cavalo: narrativas e resistências de uma comunidade tradicional mato-grossense

Thiago Cury Luiz

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e mestre em Comunicação pela Universidade de Marília. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMT.

E-mail: thcluz@gmail.com

Michèle Sato

Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e mestre em Filosofia pela University of East Anglia.

E-mail: michelesato@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta e discute resultados obtidos em uma dinâmica educomunicativa com estudantes dos ensinos fundamental e médio da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda, no quilombo Mata Cavalo (MT). A metodologia da investigação, de caráter qualitativo, está amparada pela fenomenologia onírica de Gaston Bachelard e pela cartografia do imaginário de Michèle Sato. Como recurso de obtenção de dados, utilizamos a observação e a entrevista em profundidade. Identificamos que o fenômeno da emergência climática atinge o quilombo e seus efeitos são mais graves em uma população em situação de vulnerabilidade. Concluímos que a educomunicação socioa-

Abstract: This article presents and discusses results obtained in an educommunicative dynamic with elementary and high school students from the State School Professora Tereza Conceição de Arruda, located in the Quilombo Mata Cavalo (state of Mato Grosso). The qualitative research methodology is supported by Gaston Bachelard's dream phenomenology and Michele Sato's imaginary cartography. As a resource for obtaining data, we use observation and in-depth interview. We identified that the climate emergency phenomenon affects the quilombo and that its effects are more severe in a population in a situation of vulnerability. We conclude that socio-environmental education, in audiovisual arguments,

Recebido: 12/02/2021

Aprovado: 31/07/2021

ambiental, em argumentos audiovisuais, comunica a crise do clima que afeta a comunidade e coloca-se como manifestação de resistência dos estudantes quilombolas.

Palavras-chave: emergência climática; educação socioambiental; audiovisual; quilombo Mata Cavallo; fenomenologia.

communicates the climate crisis that affects the community and poses itself as a resistance manifestation by quilombola students.

Keywords: climate emergency; socio-environmental educommunication; audiovisual; quilombo Mata Cavallo; phenomenology.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo traz resultados e reflexões da pesquisa de doutorado *Fenomenologia transmidiática: cartografando o clima em Mata Cavallo*, defendida em novembro de 2019, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE-UFMT). A tese integrou o quadro de investigações da Rede Internacional de Pesquisadores em Justiça Climática e Educação Ambiental (Reaja), que conta com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat) (2016-2022).

No caso específico deste trabalho, debruçamo-nos sobre uma produção audiovisual que integra uma narrativa mais ampla. Composta por foto, áudio, vídeo e texto, a construção colaborativa comunicacional, promovida por estudantes dos ensinos fundamental e médio da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda, traz os traços da emergência climática que afeta o quilombo Mata Cavallo, onde a instituição está inserida, além de manifestar as posições de resistência da comunidade diante da crise do clima e dos embates fundiários. Aqui, portanto, caberá a nós apresentar e discutir os resultados com base nos vídeos, legando os demais argumentos midiáticos para outras publicações.

Para o desenvolvimento deste estudo, propusemos algumas perguntas, tendo a nossa travessia em perspectiva: (1) como é possível comunicar a emergência climática em dinâmicas no âmbito da educação popular? (2) Em que medida as narrativas genuínas sobre dada realidade podem servir como movimento de resistência diante desse contexto de crise?

Em uma de nossas hipóteses, a educação socioambiental¹ pode desempenhar papel central na manifestação de problemas e soluções encontradas para enfrentar o cenário climático recrudescido. Outra hipótese: ao darem notoriedade a realidades marginalizadas, uma população em situação de vulnerabilidade, os quilombolas se inserem no enfrentamento à destruição do meio ambiente.

O artigo está estruturado de modo a realizar, na sequência, a discussão teórica com base nos eixos da pesquisa: emergência climática, justiça climática, educação ambiental, educação popular e educação. Os aspectos metodológicos contam com uma seção à parte, oferecendo as minúcias da fenomenologia² e da cartografia do imaginário³, enquanto componentes que sustentam

1. SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

2. BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997; Idem. **A psicanálise do fogo**. Tradução de Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008; Idem. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013; Idem. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

3. SATO, Michèle. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. In: ABÍLIO, Francisco J. P. (org.). **Educação ambiental para o semiárido**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. p. 539-569.

o percurso da pesquisa, além da observação e da entrevista em profundidade, recursos para obtenção de informações. Por fim, apresentamos e discutimos os resultados da investigação e expomos as considerações finais acerca da nossa presença em Mata Cavalão e da troca de saberes entre comunidade quilombola e Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte da Universidade Federal de Mato Grosso (GPEA-UFMT).

2. PONDERAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS: EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL NO CONTEXTO DA EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

A história do planeta é marcada por oscilações climáticas naturais, responsáveis por intercalar momentos de temperaturas mais elevadas com épocas mais frias. De todo modo, até o advento da Revolução Industrial, no século XVIII, a situação posta não afetava de maneira igual todas as regiões da Terra. No entanto, à medida que a interferência do ser humano na natureza aumentou, em função das necessidades demandadas pela economia capitalista industrial, a emissão de gases de efeito estufa (GEE) aumentou, elevando a temperatura em todo o planeta.

As informações do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (Intergovernmental Panel on Climate Change – IPCC)⁴ pontuam que as áreas continentais apresentam aumento de temperatura superior à média de todo o planeta. Se a elevação nos continentes chega a 1,5°C, o acréscimo é de 1°C na superfície (continente + oceano), em comparação com o período pré-industrial.

Na perspectiva social, alguns agrupamentos estão mais expostos às intempéries do clima, pois vivem em áreas precárias e têm menos condições de se proteger. A esses contingentes damos a alcunha de populações em situação de vulnerabilidade. “Percebe-se que as múltiplas formas de degradação ambiental acontecem, predominantemente, onde habitam as populações de menor renda, comunidades desprovidas de direitos sociais básicos”⁵. O relatório do IPCC pondera que a disparidade de efeitos se apropria de desigualdades sociais, econômicas, culturais, políticas e institucionais já existentes, e por isso grupos como mulheres, pobres, negros, índios, idosos e pessoas com deficiência ficam mais expostos⁶.

Embora os desdobramentos da crise do clima sejam sentidos por toda a humanidade, os impactos afetarão mais fortemente as populações em situação de vulnerabilidade⁷ como quilombolas, pantaneiros, ribeirinhos, moradores de rua, migrantes, ciganos, indígenas etc. Em contrapartida, os privilegiados dispõem de recursos que lhes permitem mitigar os danos.

Ao falarmos de injustiça, podemos entender a crise climática não como um fenômeno natural, uma fatalidade que atingirá indiferente e inexoravelmente na mesma proporção a todos. Na crise climática mundial operam mecanismos sociopolíticos que destinam a maior carga dos danos produzidos pelas mudanças

4. INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **Chapter 2: Land-climate interactions**. Geneva: IPCC, 2019. Disponível em: https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2019/08/2c.-Chapter-2_FINAL.pdf. Acesso em: 4 jun. 2021.

5. CARVALHO, Sonia Aparecida de. A justiça ambiental como instrumento de garantia dos Direitos Fundamentais Sociais e Ambientais no Estado Transnacional. *Revista Eletrônica Direito e Política*, Itajaí, v. 8, n. 2, p. 981-1004, 2013, p. 994.

6. INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **Climate Change 2014: synthesis report**. Geneva: IPCC, 2014. Disponível em: https://ar5-syr.ipcc.ch/ipcc/ipcc/resources/pdf/IPCC_SynthesisReport.pdf. Acesso em: 4 jun. 2021.

7. RAMOS, Marina C. **Políticas públicas de adaptação às mudanças climáticas em face das populações vulneráveis e da justiça climática**. 2015. Dissertação (Mestrado em Direito Econômico e Político) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

do clima a populações de baixa renda, segmentos raciais discriminados, parcelas marginalizadas e mais vulneráveis da cidadania⁸.

Por isso, é necessário conceituar a expressão “justiça climática”: quem menos contribui com a destruição ambiental arca com os efeitos mais agressivos do colapso climático. Se a degradação da natureza está diretamente relacionada ao funcionamento da economia, aqueles que oneram o meio ambiente dispõem dos recursos para mitigar danos. Estando imersas em contexto mais adverso, as populações em situação de vulnerabilidade carecem de alternativas para não serem tragadas pela crise climática e por seus desdobramentos injustos⁹.

O conceito de injustiça climática, portanto, surge da constatação de que as comunidades tradicionais de pequenos agricultores e pescadores, os índios, e de um modo geral as populações pobres do planeta, em razão de sua vulnerabilidade social, são mais suscetíveis de se tornarem vítimas de processos de alterações do clima provocados pelo aquecimento global, mesmo sendo quem menos contribui para o problema¹⁰.

Nesse sentido, a Educação Ambiental (EA) desponta como alternativa para compreender o tempo corrente, as intersecções entre economia e meio ambiente, a interferência humana nos prejuízos ambientais e as consequências desiguais que afetam os agrupamentos sociais mais vulnerabilizados. A proposta de EA instituída para este estudo leva em consideração as dimensões debatidas por Passos e Sato¹¹: epistêmica, praxiológica e axiomática.

Assim, é possível identificar convergências entre o ambientalismo e a concepção de educação popular. Na lógica pedagógica freiriana, as hierarquias entre docentes e estudantes implodem, e cada participante do processo tem contribuições a oferecer para a construção do conhecimento.

Inicialmente, Freire¹² não hierarquiza importância entre teoria e prática. Ao sustentar a práxis, pois, “sem ela, é impossível a contradição opressor-oprimido”¹³, o pensador atribui valoração equiparada entre epistemologia, empiria e reflexão. Assim, o conhecimento não se constitui fora da ciranda, à mercê de qualquer negação de uma das três pontas.

Educador e educando, mutuamente, ensinam um ao outro, cientes de que “a educação autêntica [...] não é de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo”¹⁴, tomando ainda que “a existência dos homens se dá no mundo que eles recriam e transformam incessantemente”¹⁵.

A ação dialógica e a equação eu-outro-mundo permitem a aparição do ser-mais. “O homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação”¹⁶.

Neste contexto emerge a educomunicação, e com essa concepção interagimos a nossa subjetividade com as subjetividades do quilombo, sempre no anseio de respeitar as aprendizagens viabilizadas em prol do coletivo. Em razão disso, recorreremos a Orozco Gómez¹⁷, para quem a cidadania comunicativa “deve ser

8. LEROY, Jean P. Justiça climática, um direito humano negado. **Democracia Viva**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://issuu.com/ibase/docs/democracia-viva-43>. Acesso em: 2 maio 2022.

9. *Ibidem*.

10. RAMMÊ, Rogério S. A política da justiça climática: conjugando riscos, vulnerabilidades e injustiças decorrentes das mudanças climáticas. **Revista de Direito Ambiental**, São Paulo, v. 65, 2012.

11. PASSOS, Luiz Augusto; SATO, Michèle. Notas desafiadas do poder e do saber: qual a rima necessária à educação ambiental? **Contrapontos**, Itajaí, v. 3, n. 1, p. 9-26, 2003.

12. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

13. *Ibidem*, p. 52.

14. *Ibidem*, p. 116.

15. *Ibidem*, p. 124.

16. *Ibidem*, p. 103.

17. OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. Tradução de Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 96.

imprescindivelmente tratada a partir da educação como um dos objetos mais preciosos de formação humana e democrática na atualidade”.

Daí a importância estratégica que adquire hoje uma escola capaz do uso criativo e crítico dos meios audiovisuais e das tecnologias informáticas. Isso, porém, só será possível numa escola que transforme seu modelo (e sua práxis) de comunicação, isto é, que torne possível a passagem de um modelo centrado na sequência linear – que encadeia de forma unidirecional graus, idades e grupos de conhecimentos – a outro descentralizado e plural, cuja chave é o encontro do palimpsesto e do hipertexto¹⁸.

Na simbiose entre comunicação e educação popular, o ser-mais freiriano¹⁹ esteve em voga em Mata Cavallo, pois, se a educomunicação socioambiental busca o favorecimento e a otimização da organização social²⁰, é papel dela respeitar e favorecer “a autonomia das identidades individuais e coletivas, no contexto das comunidades tradicionais e indígenas”²¹. Nesta perspectiva socioambiental, portanto, não dissociamos a natureza dos aspectos humanos que a compõem e sobre ela exercem influência.

Dessa forma, é possível, por meio da educomunicação socioambiental, mobilizar estudantes e outros participantes da educação popular a produzirem conteúdos midiáticos em texto, áudio, foto e vídeo (foco deste estudo). Ao narrarem as questões ambientais que as afligem e as caracterizam, as populações em situação de vulnerabilidade expõem suas percepções sobre o clima e demarcam formas de resistência.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS: UM CAMINHO DENTRE TANTOS POSSÍVEIS

De modo mais amplo, a metodologia desta pesquisa está alicerçada na fenomenologia de Gaston Bachelard²². A concepção que pauta o autor sugere que, ao contrário do ideário racional-estruturalista de que é possível compreender o todo por meio de uma fração da realidade, cada porção estudada tem um valor em si mesma. Dessa forma, o fenômeno confere ao pesquisador, que também não é insensível ao mote da sua pesquisa, um dado entendimento sobre um contexto em tempo e espaço determinados.

Mais especificamente, interessa-nos a filosofia onírica de Gaston Bachelard. “O sonho normal, o sonho verdadeiro, é assim frequentemente o prelúdio, e não a sequela, de nossa vida ativa”²³. O autor explora os quatro elementos da natureza – água, terra, fogo e ar – e, com base neles, esboça que a imaginação, bem como a razão e a empiria, é capaz de compreender o que é foco de estudo da ciência. Não por outro motivo, Bachelard figura em um campo da filosofia chamado epistemologia ou teoria do conhecimento, e não na metafísica.

Em razão disso, não é exagero afirmar que o imaginário é a capacidade de desdobramento da imagem contida nos sujeitos pensantes, já que “só se pode estudar o que primeiramente se sonhou”²⁴. Ao contrário, segundo Bachelard²⁵,

18. MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 18, p. 51-61, 2000, p. 8.

19. *Ibidem*.

20. SOARES, Ismar de O. *Educomunicação...* Op. cit.

21. *Ibidem*, p. 79.

22. BACHELARD, Gaston. *A água...* Op. cit.; *Idem. A psicanálise...* Op. cit.; *Idem. A terra...* Op. cit.; *Idem. O ar...* Op. cit.

23. *Idem. A terra...* Op. cit., p. 79.

24. *Idem. A psicanálise...* Op. cit., p. 74.

25. *Idem. O ar...* Op. cit.

enquanto a percepção produz imagens imóveis, a libertação da realidade só pode ser viabilizada pelo imaginário, instância em movimento ininterrupto. “Nosso inconsciente é como que escavado por um abismo imaginário. Em nós, todas as coisas podem cair, todas as coisas podem vir aniquilar-se em nós”²⁶.

Outra concepção metodológica que dialoga com a fenomenologia bachelardiana é a cartografia do imaginário²⁷. De acordo com Sato, mais importante do que os resultados obtidos na investigação, são os caminhos pelos quais transitamos para realizá-la. Além disso, um dos pressupostos da cartografia é dividir a travessia com as pessoas que participam da pesquisa, neste caso com atenção especial dada às populações em situação de vulnerabilidade e estudantes de escolas rurais de Mato Grosso.

As cartografias²⁸, amalgamando Bachelard, Freire e Lévy²⁹, consistem na comunhão entre pesquisador e participantes de modo a cada um contribuir com um saber e compartilhá-lo. Elas se assemelham às oficinas, externando uma natureza produtiva, mas têm como diferencial a troca de saberes e o enaltecimento aos trajetos, eximindo-se do pragmatismo de se encadear uma proposta visando a uma finalidade.

Se o onirismo de Bachelard e a cartografia do imaginário de Sato respaldam a esfera de intervenção da pesquisa e de tratamento das informações obtidas, a entrevista em profundidade³⁰ é uma técnica que permite ao investigador ponderar as informações relativas à intervenção.

É importante frisar que as entrevistas³¹, promovidas ao final da intervenção, não catalisaram as impressões dos pesquisadores. O intuito das conversas com os participantes foi justamente complementar ou antagonizar as suas percepções acerca das atividades com aquelas obtidas pelos investigadores durante a observação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES: O REPERTÓRIO AUDIOVISUAL DA NARRATIVA

Nas produções em vídeo, o caráter jornalístico não foi uma tônica verificada, uma vez que as imagens precisam informar ou até denunciar algo de errado que tenha ocorrido. Mas os vídeos produzidos, em geral retratando as virtudes do quilombo, como a tradicional Festa da Banana da associação Mutuca³², trouxeram a vertente informativa exigida pelo jornalismo.

Dos dez estudantes entrevistados, apenas um apontou o vídeo como mídia preferida durante as atividades de formação no quilombo.

Você pode mostrar o que tem, mas não parado. Por exemplo, eu quero mostrar o rio. Dá para mostrar o rio correndo, com a caída lá na frente³³.

Outros três mencionaram o vídeo junto com a fotografia. Considerando o depoimento de Spotify e o de Twitter, o vídeo possui uma virtude e um problema na comparação com a foto: se, por um lado, grava a imagem em movimento, por outro redundante em um arquivo muito pesado:

26. Idem. **A terra...** Op. cit., p. 279.

27. SATO, Michèle. **Cartografia...** Op. cit.

28. O GPEA desenvolveu oito cartografias em Mata Cavalto: duas delas destinadas aos quatro argumentos midiáticos (foto, áudio, vídeo e texto) e seis à discussão sobre a emergência climática e o imaginário quilombola sobre as questões socioambientais que afetam a comunidade. As duas primeiras voltavam-se aos estudantes dos ensinos fundamental e médio da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda, enquanto as outras tiveram como público moradoras(es) e professoras(es), além de discentes.

29. LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

30. DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 62-83.

31. Dez estudantes entre 13 e 17 anos nos concederam entrevistas sobre as produções midiáticas destinadas à criação da narrativa acerca do clima, dos conflitos socioambientais e da tradição quilombola. Em respeito ao sigilo imposto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), usamos nomes de aplicativos de mensagens e redes sociais como codinomes dos participantes.

32. Este vídeo não foi publicado no YouTube, pois mostra pessoas e seus rostos, infringindo o sigilo exigido pelo CEP.

33. Depoimento concedido por Spotify.

O vídeo também é bom, mas demora para carregar e ocupa muito espaço no celular. Se quiser revelar a foto, também dá³⁴.

Martín-Barbero³⁵ discute a inserção dos conteúdos imagéticos no cotidiano da sociedade e de que maneira a cultura escolar vai sendo pressionada pelas novas gerações, imersas em um mundo repleto de tecnologia, a adequar seus paradigmas.

A revolução tecnológica que vivemos não afeta apenas individualmente a cada um dos meios, mas produz transformações transversais que se evidenciam na emergência de um *ecossistema educativo* conformado não só por novas máquinas ou meios, mas por novas linguagens, escritas e saberes, pela hegemonia da experiência audiovisual sobre a tipográfica e a reintegração da imagem ao campo da produção de conhecimentos. Isso está incidindo tanto sobre o sentido e o alcance do que entendemos por comunicar como também sobre a particular realocação de cada meio nesse ecossistema e nas relações dos meios em si³⁶.

Algumas reflexões introdutórias sobre o uso do vídeo são importantes para identificarmos quais motivos levam os estudantes a evitarem-no: fazemos pesquisa em uma comunidade quilombola. Sendo um agrupamento em situação de vulnerabilidade, quem vive lá não apresenta condições financeiras para adquirir um equipamento com capacidade elevada de memória. Além disso, o custo e a precariedade do pacote de dados de internet móvel também são empecilhos para o vídeo ser invocado.

Ainda assim, contabilizamos 17 produções audiovisuais, a maior parte delas vinculada às cartografias. Identificamos a retratação de temáticas importantes ao quilombo, como história e cultura (dança e canto). Mesmo diante das agressões do Estado e dos fazendeiros e à mercê das crises climáticas, na esteira de tudo aquilo que uma população em situação de vulnerabilidade sofre, os vídeos demonstram que os quilombolas estão dispostos a resistir e a valorizar o que levaram anos para construir.

A nossa questão é bem retratada. Todo mundo sabe que os quilombos enfrentam várias dificuldades. Só que o olhar das pessoas está voltado mais para o turismo, só vir conhecer, e não olha para a realidade da gente: muita gente carrega água na cabeça, muita gente não tem energia elétrica, outras pessoas andam a pé até hoje para chegar até o asfalto e pegar ônibus. Então eu acho que muito disso vai auxiliar, sim, porque as pessoas vão começar a enxergar que o quilombo não é só um local de passeio, mas que ele precisa também dos olhos do governo³⁷.

Muito do que sabemos sobre a história e a cultura do quilombo veio à base de muita pesquisa e leitura, mas o componente maior de aprendizado sobre o nosso local de pesquisa está situado na própria comunidade. As narrativas dos participantes, aliadas às histórias registradas por eles advindas da comunidade, construíram o repertório sobre Mata Cavallo.

Como enfatiza Senra³⁸, atuar em conjunto faz “que a pesquisa se torne também uma forma de construção de conhecimentos, de luta e de resistência para que sociedades sustentáveis sejam possíveis”, em uma concepção semelhante à dinâmica dialógica de Paulo Freire³⁹.

34. Depoimento concedido por Twitter.

35. MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Tradução de Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

36. *Ibidem*, p. 66.

37. Depoimento concedido por Face.

38. SENRA, Ronaldo E. F. **Por uma contrapedagogia libertadora no ambiente do quilombo Mata Cavallo**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009, p. 69.

39. FREIRE, Paulo. **Pedagogia...** Op. cit.

Em relação aos demais vídeos, um registrou a entrevista realizada por um dos estudantes com uma professora da escola quilombola⁴⁰. Outros cinco registraram passagens da natureza, como uma borboleta e seu movimentar de asas; o pôr do sol, os sons que acompanharam a filmagem, como o vento e os insetos mais próximos, e o movimento da vegetação do entorno⁴¹; o quintal de casa, apresentando vegetação (folhas e flores) e o som de animais (aves)⁴²; a correnteza do rio, seu reflexo e som; viveiro de peixes, novamente com o balançar e o reflexo das águas.

Notamos a forte presença e incidência da natureza no registro dos estudantes. É como se ela estivesse presente no imaginário desses jovens moradores e estudantes do quilombo, sendo a captação do ambiente onde vivem um movimento quase natural do corpo.

Entendemos os registros como forma de afirmar orgulho pelas belezas existentes no território de lutas, ponderando-se o fato de o colapso climático já proporcionar certos obstáculos. Entre insetos, pássaros e sol poente, a água foi agraciada com duas filmagens. O movimento de resistência é, por si só, atuante em grau elevado, sem o qual a causa é perdida. Essa atividade foi capturada pelas câmeras de vídeo dos estudantes, não só durante as cartografias, mas em outros eventos na escola e no quilombo.

Uma dessas manifestações foi promovida por uma ex-aluna da escola e mereceu um registro em vídeo gravado por Blogger. Ela cantou “Olhos coloridos”, de Sandra de Sá, um hino do orgulho negro⁴³. Inferimos o orgulho como motivação, identificando-se com alguém cuja performance é tão admirável e que já esteve onde os estudantes agora estão.

A outra⁴⁴ aconteceu na associação Mutuca, uma das seis que compõem o quilombo Mata Caval⁴⁵. Todos os anos, o território sedia a Festa da Banana, evento que envolve toda a comunidade nos preparativos e na celebração. Decoração, comidas típicas e muita arte caracterizam a confraternização. No caso dos registros em vídeo, o conteúdo gerado versou sobre duas danças – uma de integrantes jovens e outra só de mulheres – tipicamente com raízes africanas, baseada na canção “O mais belo dos belos”, de Daniela Mercury.

Pontuamos a cultura como forma de resistir, modo encontrado pelo povo quilombola para se opor aos agressores fundiários e, a nosso ver, recurso de manutenção das tradições em um tempo de emergência do clima, que tende a encurralar ainda mais os que lá vivem. “As populações mais atingidas pelos eventos climáticos extremos, em geral, têm pouca influência nos processos de tomada de decisão”⁴⁶.

A construção coletiva e o compartilhamento foram valores fomentados nas cartografias e durante o processo de produção. Não obstante, “mergulhar no jogo das complementaridades deveria ser o mote para nós, educadores em prol de formas de aprendizagem que estejam em sintonia com os sinos que tocam no nosso tempo”⁴⁷. Além disso, reflete Santaella⁴⁸, os dispositivos móveis, por oferecerem vínculo individualizado e personalizado, promovem a interatividade instantânea, facilitando a articulação de grupos informais.

40. Em função do sigilo imposto pelo CEP, não disponibilizamos o vídeo no YouTube.

41. Disponível em: <https://youtu.be/ZDwbnMhMeJs>. Acesso em: 2 maio 2022. Ao final da descrição do material, há uma sugestão de link para acessar, via blog, o texto que complementa a narrativa do vídeo.

42. Disponível em: https://youtu.be/RAL_Utcjbn8. Ao final da descrição do material, há uma sugestão de link para acessar, via Spotify, o áudio de uma entrevista que complementa a narrativa do vídeo.

43. Novamente, em respeito ao sigilo determinado pelo CEP, o vídeo não foi publicado no YouTube.

44. Respeitando o sigilo apontado pelo CEP, não foi postado o vídeo da performance no YouTube.

45. A Sesmária Boa Vida Quilombo de Mata Caval é formada por seis associações: Mata Caval de Cima, Ponte da Estiva, Ventura Capim Verde, Ribeirão do Mutuca, Aguassú e Mata Caval de Baixo (onde está a escola).

46. MILANEZ, Bruno; FONSECA, Igor Ferraz. Justiça climática e eventos climáticos extremos: uma análise da percepção social no Brasil. **Terceiro Incluído**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 82-100, 2011, p. 16.

47. SANTAELLA, Lúcia. Desafios da ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior Unicamp**, Campinas, n. 9, p. 19-28, 2013, p. 27.

48. Idem. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. **Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 7, n. 14, p. 19-28, 2014.

A inteligência coletiva parte da prerrogativa de que cada elemento da audiência envolvido numa história tem informação para contribuir com o todo. “Longe de fundir as inteligências individuais em uma espécie de magma indistinto, a inteligência coletiva é um processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades”⁴⁹.

Os vídeos aqui mencionados poderiam servir como ponto de partida a várias abordagens. Nas aulas de Artes, com as músicas gravadas; nas aulas de Literatura, complementando os registros da natureza com a poesia de Gonçalves Dias ou de Manoel de Barros, por exemplo; a gravação das danças tem potencial para gerar um debate nas aulas de História sobre as características do ritmo africano e as influências na nossa cultura.

O celular pode registrar vídeos. A gente chegou a fazer filme. Envolveu a área de Artes, Português, História. Então, eu acho um meio criativo muito bom para usar nessas áreas: criar filme, documentário. Há vários tipos de coisa que se podem fazer com o celular⁵⁰.

Pela narrativa de Telegram, o uso das mídias no âmbito do currículo escolar tem boa apreciação por parte dos estudantes e fomenta a busca por produções complementares ao conteúdo visto em sala. Se o professor não dispõe, como os jovens, de afinidade no uso dos novos dispositivos, é imperativo alterar a lógica pedagógica das escolas, até como forma de salvaguardar o relevante papel do docente em ambiente mais descentralizado, além de ser corresponsável por compreender a melhor metodologia na inserção dos dispositivos tecnológicos na rotina escolar. Como afirma Freire, “ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua contração”⁵¹.

Daí a importância estratégica que adquire hoje uma escola capaz do uso criativo e crítico dos meios audiovisuais e das tecnologias informáticas. Isso, porém, só será possível numa escola que transforme seu modelo (e sua práxis) de comunicação, isto é, que torne possível a passagem de um modelo centrado na sequência linear – que encadeia de forma unidirecional graus, idades e grupos de conhecimentos – a outro descentralizado e plural, cuja chave é o encontro do palimpsesto e do hipertexto⁵².

Essas proposições têm condições de frutificar outras mídias, em uma dinâmica de trabalho que coloca o estudante no epicentro das ações: o educando como construtor do conhecimento, não mais atuando como mero espectador entre professor e material didático. A formatação tradicional da sala de aula (filas de carteiras na lógica frente-fundo) e os mecanismos de ensino-aprendizagem ganham outra configuração sob a perspectiva da educomunicação.

No entanto, se a lógica hierárquica existente entre docente e discente não for interrompida, inserir os artifícios comunicacionais em sala de aula manterá as relações nos mesmos moldes, agora sob o cunho da tecnologia. Por isso, enfatiza Martín-Barbero⁵³, é necessário, antes, dar conta dessa relação mais direta entre um e outro, para que as mídias e suas narrativas rompam as fronteiras do receituário pedagógico ultrapassado. “Enquanto permanecer

49. LÉVY, Pierre. *A inteligência...* Op. cit., p. 32.

50. Depoimento concedido por Telegram.

51. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018, p. 24.

52. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Desafios...* Op. cit.

53. *Ibidem*.

54. *Ibidem*, p. 2.

55. SOARES, Ismar de O. **Educomunicação...** Op. cit., p. 17.

56. A Titulação de Território Quilombola é composta por seis etapas, quais sejam: [i] Certidão de Autorreconhecimento; [ii] elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID); [iii] publicação do RTID; [iv] portaria de reconhecimento emitida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra); [v] decreto de desapropriação; e [vi] titulação. Disponível em: https://www.palmares.gov.br/?page_id=538. Acesso em: 4 maio 2022.

57. Antônio Benedito da Conceição, conhecido como Antônio Mulato, nasceu em 12 de junho de 1905. Filho de pai e mãe escravizados, constituiu-se na liderança mais importante do Quilombo Mata Cavalos em toda a sua história. Graças a ele, o território abrigou, em 1940, a primeira escola pública cravada em uma comunidade quilombola. Um de seus 13 filhos, Tereza Conceição de Arruda, dá nome à escola em que realizamos a pesquisa. Mulato faleceu em 15 de setembro de 2018, aos 113 anos. BEZERRA, Grazielle. Morre aos 113 anos Antônio Mulato, o quilombola mais velho do país. **Rádio Agência Nacional**, Brasília, DF, 16 set. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2018-09/morre-aos-113-anos-antonio-mulato-o-quilombola-mais-velho>. Acesso em: 4 jun. 2021; MERCURI, Isabela; PACHECO, Ronaldo. Antônio Mulato comemora 113 anos de luta vivendo no quilombo de Mata Cavalos. **Olhar Conceito**, Cuiabá, 13 jun. 2018. Disponível em: <https://www.olharconceito.com.br/noticias/exibir.asp?id=15576¬icia=antonio-mulato-comemora-113-anos-de-luta-vivendo-no-quilombo-de-mata-cavalos>. Acesso em: 4 jun. 2021.

a verticalidade na relação docente e a sequencialidade no modelo pedagógico, não haverá tecnologia capaz de tirar a escola do autismo em que vive⁵⁴.

Assim, defendemos que a interlocução propiciada pela educomunicação socioambiental pode gerar na ambiência das escolas, seja na instância curricular ou em proposições não formais, uma conjuntura aberta a dinâmicas educativas e comunicacionais, primando por criatividade e colaboração. Na perspectiva educacional, participação e diálogo firmam posição no ecossistema comunicacional escolar, em gestão colaborativa entre os partícipes da instituição, mobilizando mais os estudantes e aprimorando as alternativas de aprendizagens⁵⁵.

No contexto das comunidades tradicionais, é possível propor ou identificar atividades, dentro e fora das escolas, desenvolvidas por estudantes e moradores por meio de tecnologias digitais, mesmo a despeito das dificuldades de acesso a determinados equipamentos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vídeos produzidos pelos estudantes trouxeram no seu bojo, basicamente, duas abordagens: natureza e cultura. Reafirmamos o entendimento de que desnudar as belezas do quilombo, como fauna, flora e rios, é uma forma de demonstrar afeto pelo ambiente no qual têm raízes, compartilhando com outras pessoas a razão de seus orgulhos.

Na esfera da cultura, vozes e movimentos dão o compasso da resistência quilombola. A postura resistente está voltada (1) ao Estado, pela morosidade da burocracia⁵⁶; (2) aos fazendeiros das cercanias, com quem travam conflitos em torno da questão fundiária; e (3) ao colapso climático, na relação com o desmatamento, a escassez e má distribuição de água e no enfrentamento das queimadas.

Alguns registros e depoimentos dos participantes da pesquisa deram a entender que esses expedientes prejudiciais ao quilombo ainda estão em voga. Mas a luta pelos valores tradicionais e pela herança da história africana vigora no centro das atenções da cultura. Esta, por meio da arte, da religião, da arquitetura, da culinária, firma os pés quilombolas em seu território, uma terra de angústias e belezas naturais, a comportarem-se como balizas da resistência de seus habitantes.

Do ponto de vista das cartografias, foi sensível a troca de saberes entre Grupo Pesquisador e quilombo. A Educação Ambiental, seguindo preceitos históricos, construiu uma ciranda de conceitos e afetos, permitindo que o diálogo entre saber científico e tradicional fosse não apenas possível, mas necessário. Ao levar as epistemologias a Mata Cavalos, o GPEA trouxe consigo as práticas genuínas gestadas por seu Antonio Mulato⁵⁷.

Compreendemos, portanto, que a produção audiovisual enquanto um dos argumentos midiáticos de uma narrativa mais ampla implica mobilização e trabalho colaborativo de estudantes dos ensinos fundamental e médio em uma proposta educacional voltada às questões socioambientais. Ao retratar os

problemas e valores de uma comunidade tradicional, como o quilombo Mata Cavalo, os discentes da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda reiteraram a resistência que circunscreve a história quilombola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. Tradução de Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

BACHELARD, Gaston. **O are e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BEZERRA, Grazielle. Morre aos 113 anos Antônio Mulato, o quilombola mais velho do país. **Rádio Agência Nacional**, Brasília, DF, 16 set. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2018-09/morre-aos-113-anos-antonio-mulato-o-quilombola-mais-velho>. Acesso em: 4 jun. 2021.

CARVALHO, Sonia Aparecida de. A justiça ambiental como instrumento de garantia dos Direitos Fundamentais Sociais e Ambientais no Estado Transnacional. **Revista Eletrônica Direito e Política**, Itajaí, v. 8, n. 2, p. 981-1004, 2013.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 62-83.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **Chapter 2**: Land-climate interactions. Geneva: IPCC, 2019. Disponível em: https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2019/08/2c-Chapter-2_FINAL.pdf. Acesso em: 4 jun. 2021.

Intergovernmental Panel on Climate Change. **Climate change 2014**: synthesis report. Geneva: IPCC, 2014. Disponível em: https://ar5-syr.ipcc.ch/ipcc/resources/pdf/IPCC_SynthesisReport.pdf. Acesso em: 4 jun. 2021.

LEROY, Jean P. Justiça climática, um direito humano negado. **Democracia Viva**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://issuu.com/ibase/docs/democracia-viva-43>. Acesso em: 2 maio 2022.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Tradução de Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 18, p. 51-61, 2000.

MERCURI, Isabela; PACHECO, Ronaldo. Antônio Mulato comemora 113 anos de luta vivendo no quilombo de Mata Cavalo. **Olhar Conceito**, Cuiabá, 13 jun. 2018. Disponível em: <https://www.olharconceito.com.br/noticias/exibir.asp?id=15576¬icia=antonio-mulato-comemora-113-anos-de-luta-vivendo-no-quilombo-de-mata-cavalo>. Acesso em: 4 jun. 2021.

MILANEZ, Bruno; FONSECA, Igor Ferraz. Justiça climática e eventos climáticos extremos: uma análise da percepção social no Brasil. **Terceiro Incluído**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 82-100, 2011.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Educomunicação: recepção midiática, aprendizagem e cidadania**. Tradução de Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2014.

PASSOS, Luiz Augusto; SATO, Michèle. Notas desafinadas do poder e do saber: qual a rima necessária à educação ambiental? **Contrapontos**, Itajaí, v. 3, n. 1, p. 9-26, 2003.

RAMMÊ, Rogério S. A política da justiça climática: conjugando riscos, vulnerabilidades e injustiças decorrentes das mudanças climáticas. **Revista de Direito Ambiental**, São Paulo, v. 65, 2012.

RAMOS, Marina C. **Políticas públicas de adaptação às mudanças climáticas em face das populações vulneráveis e da justiça climática**. 2015. Dissertação (Mestrado em Direito Econômico e Político) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. **Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 7, n. 14, p. 15-22, 2014.

SANTAELLA, Lúcia. Desafios da ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior Unicamp**, Campinas, n. 9, p. 19-28, 2013.

SATO, Michèle. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. *In*: ABÍLIO, Francisco J. P. (org.). **Educação ambiental para o semiárido**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. p. 539-569.

SENRA, Ronaldo E. F. **Por uma contrapedagogia libertadora no ambiente do quilombo Mata Cavalo**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.